

## A IMPOSTURA DO PSICOLOGISMO

*Frithjof Schuon*

Entendemos pelo termo “psicologismo” a pretensão de reduzir tudo a fatores psicológicos e questionar não somente o que é intelectual ou espiritual – o primeiro termo referindo-se à verdade e o segundo à vida na Verdade e pela verdade –, mas também o espírito humano em si mesmo, portanto sua capacidade de adequação e, mais ainda, sua ilimitação interna ou transcendência. Essa tendência redutora e verdadeiramente subversiva grassa em todos os domínios que o cientismo tem a pretensão de englobar, mas sua expressão mais aguda é, sem dúvida alguma, a psicanálise. Esta, vale dizer, é ao mesmo tempo uma resultante e uma causa, como o são todas as ideologias profanas, tais como o materialismo e o evolucionismo, dos quais no fundo ela é uma ramificação lógica e fatal e um aliado natural.

A psicanálise merece duplamente a qualificação de impostura, em primeiro lugar por posar como descobridora de fatos que sempre foram conhecidos e não podiam não o ser, e, em segundo lugar e principalmente, por atribuir-se funções na verdade espirituais e assumir assim, na prática, o papel de religião. O que se chama “exame de consciência” ou, entre os muçulmanos, “ciência dos pensamentos” (*ilm al-khawatir*) ou “investigação” (*vichara*), entre os hindus – com nuances um pouco diversas – não é senão uma análise objetiva das causas próximas e remotas de nossas maneiras de agir e reagir que se repetem automaticamente sem que conheçamos os motivos reais ou sem que discernamos a verdadeira natureza desses motivos. A verdade é que o homem comete habitualmente e cegamente os mesmos erros nas mesmas circunstâncias, e o faz porque carrega em si mesmo, em seu subconsciente, erros feitos de amor-próprio ou de traumas. Ora, para curar-se ele deve detectar esses complexos e traduzi-los em fórmulas claras e precisas, deve, portanto, tornar-se consciente de erros subconscientes e neutralizá-los por meio de afirmações opostas. Se o consegue, suas virtudes serão tanto mais lúcidas. É neste sentido que Lao-Tsé disse: “Sentir uma doença é não mais tê-la”; e a Lei de Manu: “Não há água lustral como o conhecimento”, isto é, como a objetivação por meio da inteligência.

A inovação da psicanálise, que constitui sua sinistra originalidade, consiste na pretensão de reduzir todo reflexo ou toda disposição da alma a causas mesquinhas e excluir os fatores espirituais; daí a tendência a ver saúde no que é rasteiro e vulgar e neurose no que é nobre e profundo. Neste mundo, o homem não pode escapar às provas e às tentações, de modo que sua alma é marcada necessariamente por certo tormento, a menos que seja de uma serenidade angélica, o que ocorre em meios muito religiosos, ou, ao contrário, de uma inércia a toda prova, o que ocorre por toda parte. Mas a psicanálise, em vez de permitir-lhe tirar o melhor proveito de seu desequilíbrio natural e, em certo sentido, providencial – e o melhor proveito é o que concorre para os nossos fins últimos –, tende a reduzir o homem a um equilíbrio amorfo, um pouco como se se quisesse poupar um pássaro das angústias de aprender a voar cortando-lhe as asas. Analogamente falando, quando um homem preocupa-se com uma inundação e busca um meio de escapar, a psicanálise dissolve-lhe a preocupação e o deixa se afogar. Ou então, em vez de abolir o pecado, ela abolirá o peso da consciência, permitindo que se vá para

o inferno com serenidade. Não queremos dizer que jamais aconteça de um psicanalista descobrir e dissolver um complexo perigoso sem arruinar o paciente, mas estamos falando do princípio, cujos perigos e erros são infinitamente mais importantes que as vantagens aleatórias e as verdades fragmentárias.

Disso resulta que, para os psicanalistas em geral, um complexo é mau porque é um complexo. Eles não querem se dar conta de que existem complexos que honram o homem ou que Lhe são naturais em virtude de sua deiformidade e que constituem, por consequência, desequilíbrios necessários, chamados a encontrar sua solução acima de nós mesmos, não abaixo.<sup>1</sup> E há ainda outro erro, que no fundo é o mesmo: admite-se que um equilíbrio é um bem porque é um equilíbrio, como se não houvesse equilíbrios feitos de insensibilidade e perversão. Nosso estado humano mesmo é um desequilíbrio, pois estamos existencialmente suspensos entre as contingências terrestres e o apelo inato do Absoluto. A questão não se resume em se desembaraçar de um nó psíquico, trata-se também de saber como e por que desembaraçar-se dele. Nós não somos substâncias amorfas, mas movimentos em princípio ascendentes. Nossa felicidade deve ser proporcional à nossa natureza total, sob pena de nos reduzir à animalidade, pois felicidade sem Deus é precisamente o que o homem não suporta sem se perder. E é por isso que um médico da alma deve ser um *pontifex*, portanto um mestre espiritual no sentido próprio e tradicional do termo; um profissional profano não tem nem a capacidade nem, por consequência, o direito de tocar uma alma, a não ser no caso de dificuldades elementares que o simples bom senso basta para resolver.

O crime espiritual e social da psicanálise consiste, portanto, em usurpar o lugar da religião ou da verdadeira sabedoria, que vem de Deus, e em eliminar de seus procedimentos toda consideração de nossos fins últimos. É como se, não podendo combater Deus, o homem se agarrasse à alma humana, que Lhe pertence e está destinada, aviltando assim, na falta do Protótipo, a imagem divina. Como toda solução que se esquia do sobrenatural, a psicanálise substitui à sua maneira o que ela abole: o vazio que ela produz com suas destruições voluntárias dilata-a e a condena a postular um falso infinito ou a atuar como uma pseudoreligião.

A fim de poder vingar, a psicanálise tinha necessidade de um terreno apropriado não só do ponto de vista das ideias, mas também do dos fenômenos psicológicos: queremos dizer que o europeu, que sempre foi um cerebral, havia se tornado muito mais cerebral em um ou dois séculos. Ora, essa concentração de toda a inteligência na cabeça tem algo de excessivo e anormal, e as hipertrofias que daí resultam não constituem uma superioridade, malgrado sua eficácia em certos domínios.

Em condições normais, a inteligência deve residir não só na mente, mas também no coração, e ela deve também distribuir-se por todo o corpo, como acontece sobretudo no caso daqueles homens que são chamados de “primitivos”, mas que, sob certos aspectos, são incontestavelmente superiores aos ultracivilizados. Seja como for, o que queremos mostrar é que a psicanálise só existe porque há um desequilíbrio mental mais ou menos generalizado, em um mundo onde a máquina dita ao homem seu ritmo de vida e inclusive, o que é mais grave, sua alma e seu espírito.

\* \* \*

A psicanálise fez sua entrada mais ou menos oficial no mundo dos crentes, o que é bem um sinal dos tempos. Daí resulta a introdução, na dita “espiritualidade”, de um método que é totalmente contrário à dignidade humana e que, além disso, está em

---

<sup>1</sup> “...é preferível que se perca um dos teus membros a que todo o teu corpo seja lançado na geena” (*Mateus*, V, 29).

estranha contradição com a pretensão de ser “adulto” e “emancipado”. As pessoas agem como semideuses e ao mesmo tempo tratam-se como irresponsáveis; surgindo a menor depressão, causada seja por uma ambiência muito trepidante, seja por um gênero de vida por demais contrário ao bom-senso, vão correndo ao psiquiatra, cujo trabalho consistirá em insuflar-lhes algum falso otimismo ou aconselhar-lhes um pecado liberador. Parece que ninguém pensa um só instante que só há um equilíbrio, aquele que nos fixa em nosso verdadeiro centro e em Deus.

Um dos efeitos mais odiosos da adoção do psicanalismo pelos fiéis é a denigração do culto da Virgem Santíssima. Só mesmo uma mentalidade bárbara, que se quer “adulta” a qualquer preço e que só acredita no trivial, pode sentir-se constrangida por esse culto. À censura de “ginecolatria” ou de “complexo de Édipo”, respondemos que, como todo argumento da psicanálise, este passa ao largo do problema, pois a questão que se coloca é a de saber, não qual pode ser o condicionamento psicológico de uma atitude, mas, muito pelo contrário, qual seu resultado. Quando nos dizem que alguém escolheu a metafísica como uma “fuga” ou “sublimação” e por força de um “complexo de inferioridade” ou de um “recalque”, isto não faz a menor diferença, pois bendito seja o “complexo” que é a causa ocasional da aceitação do verdadeiro e do bem! Mas há também o seguinte: os modernos, cansados da suavidade artificial que sua cultura e sua religiosidade carregam desde a época barroca, transferem – como de hábito – sua aversão para toda doçura e delicadeza legítimas e assim se fecham a toda uma dimensão espiritual, se são “fiéis”, ou mesmo a toda qualidade humana, como o demonstra certo culto infantil da grosseria e do alarido.

De resto, não basta questionar o valor de uma devoção em certas consciências, é preciso também perguntar por aquilo que a substitui, pois o lugar de uma devoção suprimida não permanece nunca vazio.

\* \* \*

“Conhece-te a ti mesmo” (Helenismo), diz a Tradição, e também “Quem conhece sua alma, conhece seu Senhor” (Islã). O modelo tradicional do que a psicanálise devia ser, ou tem a pretensão de ser, é a ciência das virtudes e dos vícios. A virtude fundamental é a sinceridade, que coincide com a humildade; aquele que lança na alma a sonda da verdade e da retidão consegue detectar os nós mais sutis do inconsciente. É inútil querer curar a alma sem curar o espírito: o que importa, portanto, em primeiro lugar, é desembaraçar a inteligência dos erros que a pervertem e criar assim uma base para o retorno da alma ao equilíbrio. Não a qualquer equilíbrio, mas àquele cujo princípio ela traz em si mesma.

Para São Bernardo, a alma passional é “coisa desprezível”, e Mestre Eckhart nos prescreve “odiá-la”. Isto significa que o grande remédio para todas as nossas misérias interiores é a objetividade para com nós mesmos. Ora, a fonte ou o ponto de partida desta objetividade situa-se além de nós mesmos, em Deus. O que está em Deus reflete-se ao mesmo tempo em nosso próprio centro transpessoal, que é o Intelecto Puro. Em outras palavras, a verdade que nos salva faz parte de nossa substância mais íntima e mais real. O erro ou a impiedade é a recusa de ser o que se é.